



REDACÇÃO PRINCIPAL

Alexandre Vieira

EDITOR

Joaquim Cardoso

Propriedade da União Operária Nacional

Officina de Impressão - R. da Atalaia, 124

(Formulário da lei que regula a liberdade de imprensa)

Redacção e administração — Calçada do Combro, 33-A, 2.º  
End. telegr.: Talhade - Lisboa • Telefone: 2

## ENTREVISTANDO O MINISTRO DO TRABALHO

## As minas de S. Pedro da Cova

Continuam a propriedade da Empresa, assentando, porém, a sua exploração em bases novas, sob a fiscalização do Estado e dos mineiros

Há dias já que se vem falando do decreto em elaboração sobre as minas de S. Pedro da Cova.

No intuito de informarmos convenientemente os leitores de *A Batalha* sobre as intenções do ministro do trabalho, procuramos o ontem no seu ministério.O sr. Dias da Silva recebeu-nos imediatamente. É uma vez declinada a nossa qualidade de repórter de *A Batalha* e expostos os fins que ali nos levaram, o ministro socialista pôs-se imediatamente às nossas ordens, manifestando-nos o seu regozijo por ver o operariado interessado por tão momentoso assunto.

Pedimos-lhe então que nos dissesse, concretamente, quais as bases em que assenta o novo decreto.

—O Estado estabeleceu o princípio da fixação dos lucros nas empresas particulares.

—Para mim, diz-nos o ministro, um dos princípios mais interessantes do decreto estabelecido é o da fixação dos lucros da empresa. Como vê, é um princípio absolutamente novo na nossa legislação e eminentemente socialista.

As minas do carvão de S. Pedro da Cova tinham sido mobilizadas pelo decreto n.º 4801. Pois bem; o Estado vai agora mandar avaliar as minas, por peritos contabilistas de confiança. Estes examinarão a escrita da Empresa e, uma vez feita a avaliação, os contabilistas não poderão retirar da exploração da mina um lucro superior a 10 % sobre o capital empregado.

—E se a empresa quiser aumentar os seus capitais?

—Em primeiro lugar só o poderá fazer com autorização da Circunscrição Mineira do Norte, quando esta reconhecer que tal aumento se torna necessário à exploração da mina; e ainda assim, os capitais entrados só poderão ser empregados no desenvolvimento da mina.

—Mas que lucros perceberão os capitais de futuro entrados?

—Em nenhum caso os lucros poderão exceder os 10 % fixados pelo decreto.

## Fixação do salário mínimo

—Ao mesmo tempo que estabeleceu o princípio da fixação dos lucros nas empresas particulares, continua o ministro, o decreto introduz na legislação um outro princípio igualmente novo. É o do salário mínimo. A retribuição do trabalho dos mineiros, entre nós, é absolutamente ridícula, se a compararmos com a que lá fora se paga a quem extrai das entranhas da terra o carvão, essa fonte máxima de energia e de riqueza. Imagine que o salário dum mineiro em S. Pedro da Cova nunca ia além de \$60!

Sessenta centavos por um dia de trabalho, debaixo da terra, sujeito a mil perigos, queimando em poucos anos de labor as energias dum vida inteira! Mesmo no Alentejo, onde o trabalho das minas é um pouco melhor remunerado, o salário anda em média por \$70. Isto para os homens, pois as mulheres recebem de \$24 a \$40 diários!

—Mas, como é que se pode viver assim?

—Não sei. Francamente, não sei. Devo dizer-lhe porém que muitos dos mineiros, tanto homens como mulheres, trabalhavam por tarefas. E estes sempre tiravam mais uns centavos diários. Pois o decreto, que deve ser publicado no *Diário do Governo*, talvez já na próxima terça-feira, mantem as tarefas nas mesmas condições em que até aqui se faziam, sem que a Empresa tenha o direito de baixar as tabelas; e estabelece o salário mínimo de um escudo para os homens e cinquenta centavos para as mulheres. E' claro que uns e outros ficam com o direito de optarem pelo regime que mais lhes convier. Quem preferir o salário será pago pela tabela que o decreto estabelece.

—O excedente dos lucros reverte exclusivamente a favor dos operários

—Disse-nos há pouco que o Estado fixava em 10 % o lucro máximo da Empresa. E se os lucros excederem esta percentagem?

—Nesse caso o remanescente reverta exclusivamente em benefício dos mineiros. E espero que, de facto, os lucros continuem excedendo e bastante os 10 % fixados no decreto. Esse remanescente ficará constituindo o patrimônio comum de todo o pessoal das minas e será administrado por uma Comissão Executiva assistida de um Conselho de Administração.

—E dessas instituições farão parte também os operários?

—Evidentemente. Pois se é o seu patrimônio... Tanto numa como noutra dessas comissões haverá representantes da Empresa e dos trabalhadores em número igual. E qualquer delas será presidida por um delegado do governo. Mas fica bem expresso, no decreto, o princípio de que este fundo só poderá ser empregado em benefício do pessoal.

Para começar, a Empresa fornecerá

desde já, ao juro de 6 %, ao ano, e por conta do remanescente dos lucros, os capitais necessários para a construção dum bairro operário modelar, com escolas, cantinas, creches, posto médico-cirúrgico e hospitalar, balneário, teatro, salão de festas, biblioteca e campo de jogos anexos.

—Vai começar já a construir-se um bairro operário modelo

—Mas isso é para já?  
—Para já, sim senhor. Os capitais serão imediatamente entregues à Comissão Executiva, onde os operários teem, como já lhe disse, uma representação igual à dos patrões, e esta poderá começar desde logo os trabalhos para a construção do bairro.

É preciso dar ao operário uma moradia higiénica, alegre, agradável. E nenhum outro homem tem mais direitos que o mineiro a uma casa confortável. Ele, que passa os dias como uma toupeira, debaixo da terra, longe da luz benéfica e acariaciadora do sol, sem que lhe seja dado o prazer de ver voltar a primavera no verde claro dos prados que renascem e no roseo violáceo das alaias que inforam — o pobre mineiro tem mais direito que ninguém a encontrar em casa, à volta da mina, a alegria e o conforto que o trabalho extenuante de todo o dia reclama.

Vai pois fazer-se o bairro operário, esteja certo. E é este o primeiro duma série que há de ir aparecendo aqui e além, arrancando o trabalhador a esses miseráveis tugúrios em que até agora tem vegetado e livrando-o das garras aduncas de proprietários sem escrúpulos. Oxalá que o operariado saiba compreender e secundar esta iniciativa.

—A fiscalização operária na escrita da Empresa

—E quanto à fiscalização dos negócios da Empresa, a quem incumbem essas missões?

—Eu lhe digo. Segundo a letra do decreto, a entidade especialmente encarregada dessa fiscalização é a Comissão Executiva, que tem, como sabe, representação operária. Mas fica também estabelecido que qualquer das partes tem o direito de requerer o exame da escrita por peritos contabilistas da sua confiança. E se por acaso se vier a provar que, em qualquer época, a Empresa violou a sua escrita, no intuito de enganar quaisquer valores, ser-lhe-á imposta uma multa na importância de três vezes a quantia sonegada. Da multa, uma terça parte revertirá para o Estado, outra para o fundo comum dos mineiros e a terceira será dividida pelos peritos que tiverem descoberto o dolo.

Em resumo, o decreto que sairá dentro de breves dias tem um incontestável alcance social. Ele vem introduzir na legislação portuguesa princípios novos iminentemente progressivos. Espero que o operariado consciente lhe saiba prestar a atenção que ele merece e continue reclamando dos poderes públicos uma política tendente à satisfação das suas mais caras aspirações.

## O professorado primário

e as suas reclamações

Foi-nos enviada a seguinte nota oficial:

A União do Professorado Primário, que se propõe defender a classe e os altos interesses da escola, vem estudando neste momento um plano de acção que começa a executar-se. Esse movimento, que é absolutamente estranho e pára muito acima de qualquer política de partidos, tem por fim acordar a consciência nacional para o magno problema da escola primária, fazendo compreender ao País a improrrogabilidade da sua solução, preparando-a para todos os sacrifícios financeiros que de aí lhe possam advir, e facilitando assim aos governos a sua acção, quando estes, na compreensão nítida das exigências do momento que passa, se propuserem a meter hombros a essa árdua empresa.

Para início do citado movimento acaba de dirigir um manifesto a toda a classe. Esta começará por dar o mais decidido apoio à iniciativa do sr. ministro da instrução e aos desejos do governo no sentido de se reformar, emfim, a escola primária e de melhorar imediatamente a situação económica do seu professorado.

Neste momento de reorganização dos povos, nesta hora de verdade, a classe do professorado primário, instada pelo dever patriótico e impulsada pela força moral que promana da sua missão, está disposta a lutar por que a magna questão da educação do Povo não continue a ser descuidada, a custa dos mais altos interesses nacionais.

De uma visão clara do governo, da inteligência e disvelos do actual ministro da instrução, aguardam 8.000 professores a redenção da escola primária, a primeira instituição da Pátria e da República.

## NOTAS &amp; COMENTÁRIOS

## Depõe um soldado

Acabam de mostrar-nos uma carta que um operário, actualmente incorporado num dos regimentos que se encontram no Porto, vem de enviar à sua companheira, que vive com os filhos em Lisboa. Nessa carta, por muitos títulos interessante, descreve o operário-soldado a forma como uma considerável parte dos sargentos e oficiais superiores do referido regimento trata os soldados, sendo tais as expressões de que usam para com estes que de admirar é que haja quem passivamente os suporte. Depois de dizer que o rancho é intragável, bem assim o pão, geralmente coberto de bolor, acrescenta que homens há no regimento que, por carência de roupa, não trazem ceroulas, andando outros sem camisa. «A noite passada — conta ele — saí para a rua, às 2 horas, em serviço de polícia, às portas das padarias. A miséria é tanta que mulheres solteiras e casadas teem vendido o corpo em troca dum pão ou dum lata de rancho».

Vivemos positivamente num Eldorado!

## O pão

Segundo nos informam, houve ontem falta de pão de segunda qualidade, devendo accentuar-se hoje essa falta, alegando-se, para justificar mais essa manifestação do insaciável apetite da Moagem, a escassez da farinha que se emprega nesse tipo de pão.

O que previmos nestas colunas está-se realizando. E não seremos maus profetas se aventarmos que o pão de segunda desaparecerá por completo, ou, então, ficará de tal qualidade que ninguém o poderá tragar. O povo, sempre sacrificado, alvo constante das manobras dos moageiros, tem de sofrer mais esta especulação, sem que apareça alguém que meta esses senhores, que são um Estado dentro do Estado, na ordem.

## Crianças que morrem de fome

O *Diário de Notícias*, numa correspondência de Braga, publicava ontem o seguinte:

«Morrem de fome três menores, filhos do jornaleiro João Costa, residente em Santa Tecla».

O laconismo desta notícia, para quem está habituado a ver colunas de prosa pormenorizando factos sem importância, só por si horroriza.

Três inocentes crianças, filhas dum trabalhador rural, que tem dedicado toda a sua vida a produzir para os outros, morrer à míngua de alimento.

A fome assaltava a casa dos trabalhadores desde há muito, lançando-os nos braços da tuberculose, mas agora já os mata inopinadamente.

E pensamos nós que emquanto em Santa Tecla morrem três crianças de fome, há quem alimente cães com saboneros e caros bolos!

## Ligas...

Alguns funcionários públicos, esperangados na benéfica acção do decreto ultimamente promulgado pelo governo sobre a forma de, no futuro, serem preenchidos os lugares de directores gerais e chefes das repartições do Estado, resolveram constituir-se em grupo e formar uma liga republicana dos empregados do Estado e administrativos.

Não sabemos se o número de directores e chefes, possivelmente a virem a ser separados, será igual ao dos iniciadores da liga, mas, seja como for, aligeiramos-nos que preocupações de outra natureza deveriam ser as daqueles funcionários.

Compreende-se que os empregados do Estado constituam uma associação de classe, conforme anunciaram há tempos, com o fim de defenderem os seus interesses económicos e profissionais, criando o espírito de classe, que no seu seio não existe, o que muito os tem prejudicado.

Emquanto a ligas, elas só são boas para as pernas de quem, não sabendo andar sem elas, quer subir...

## A boa pescada

Antigamente, naqueles saudosos tempos de antes da guerra, não raro era vêr-se, sobre a modesta mesa do operário, uma saborosa postinha de pescada, com uns grêlos à volta, quatro batatas alvacentas e um fiozinho de azeite muito loiro e muito apetitoso. Mas veio a guerra e adens pescada, adeus batatas, adeus azeite e adeus grêlos. Agora, vemos passá-las, as rochuchudas pescadas, nas canastras das ovarinas e ficam-nos a scismar no figurão que aquilo faria, à noite, fumegante, sobre a mesa da nossa casa.

Certamente para não nos fazer nascer água na boca, resolveu a Empresa da Água Sálus-Vidago transportar o peixe, destinado à venda, dentro da sua carroça de distribuição, ao abrigo dos cúpidos olhares de nós todos. Boa ideia, sim senhores. E como aquilo agora se vai destinar à venda de peixe fresco, bom seria que diante dos marechais franceses que, à porta da carroça, bebem a sua pinga, com olho frascário, colocassem uma mesita com quatro postinhas de pescada fritas, a laia de reclamação...

## POR TERRAS DA BEIRA...

Das conferências e demarques a que tive ocasião de assistir nesses quatro dias que passei no norte, ficou-me a impressão, muito accentuada, de que tanto os operários como os industriais, na sua grande maioria, não conhecem as condições de vida da indústria textil. Os industriais, muitos deles, não o são: são meros donos de fábricas. Alguns nem fabricas possuem; fabricam nas fabricas de outros... Quanto aos operários, pela sua deficientíssima organização, pela quasi ausência de estudo profissional, pela carência de espírito combativo que parece, do resto, ter atingido em idêntico grau esta classe por todo o país, não se apresentam, também, por forma a indicar caminho para a solução da crise, limitando-se a afirmar que é necessário restabelecer a laboração fabril.

Publiquei aqui, há poucos dias, aquele documento dos operários sem trabalho, da Covilhã, que, só por si, e melhor do que tudo o que eu escrevesse, elucida os leitores sobre o estado económico e moral do proletariado daquela centro industrial. Vou agora contar, ligeiramente, o que se passou em Gouveia.

Quando chegámos a Gouveia, foi o ministro do trabalho recebido na câmara municipal. Muita gente, funcionários públicos, industriais, operários, etc., e discursos... Entre os oradores, lembro-me de ter ouvido um met colega, cujo nome não tenho de memória, que se disse republicano evolucionista e director de um periódico da localidade. Saudou o ministro; e, muito palavroso como é, perdeu-se em numerosas considerações dizendo, entre outras coisas, que o operariado daquela terra, de quem ele é um amigo, — muitos amigos teem os operários! — tem sido sempre correcto, ordeiro, resignado mesmo. Não se tem lançado em greves, não obstante a aflicta situação que tem atravessado. Entre eles, felizmente, não há anárquistas.

Compreende a missão do ministro do trabalho e saúde-o por ter ido estudar a crise. Socialistas, correligionários seus, ali não encontraria, mas verdade era que o ministro não fazia naquele momento uma visita política... Nesta altura entre a assistência ouviu-se um viva à república social, que foi correpondido por vários populares... Pois bem! Marcada para a noite uma reunião conjunta de industriais e operários para dizerem de sua justiça sobre os males e remédios, sobre o estado da indústria e soluções a adoptar, quem vamos nós encontrar para defender os interesses dos operários, e expor os seus pontos de vista? O mesmo palavroso advogado da recepção com o mandato do operariado textil ali presente!

Essa conferência foi uma verdadeira desgraça. Pedidos alvitres aos industriais, pedidos alvitres ao advogado representante dos operários, nada se ouviu! Ninguém sabia nada, ninguém lembrava nada. Falou-se de tudo, menos do que devia falar-se. Não se encatou o problema de frente. O industrial que discursou — discursou em vez de trocar impressões — pediu um comboio para resolver a crise... Se passasse por lá um comboio... tinham as fábricas a trabalhar, a indústria prosperando... Aquele comboio era um maná...

Quando ao bacharel loquaz, que falou, como se fora para os senhores jurados, em audiência puchada à sustância, ao fim de 35 minutos contados pelo relógio e interrompido pelo ministro do trabalho, confessou nada alvitrar, terminando por concluir, pela décima quinta vez, que o que é preciso é abrir as fábricas que estejam encerradas...

Sai daquela conferência desolado e com dois pensamentos a martelar-me o cérebro. Um, para o qual chamo a atenção da U. O. N., que é isto: a conveniência de destacar para o norte dois ou três propagandistas operários, dos mais inteligentes, dos mais sensatos, dos mais equilibrados, para levantar o moral daquela gente, desenvolver o princípio associativo e aproveitar algumas energias dispersas e amortecidas. O outro: que industriais assim, na sua maioria ignorantes de tudo e até das condições de vida da indústria, que industriais como aqueles que, com raras excepções, por lá topei, fechados num egoísmo estreito, só preocupados com a burra, com o pavor da ruína e só desejosos de manter a alta no mercado, não podem continuar, por mais tempo, a lançar a perturbação na vida económica e social do país.

E sai dali mais convencido de que o único caminho a seguir — até para salvação dos próprios industriais — era, como o ministro defendeu, — a mobilização da indústria.

E é o que vamos ver.

Sobral de Campos

## Divisão americana

Entrou ontem no Tejo uma divisão naval norte-americana, composta dos cruzadores ligeiros *Leonidas*, *Luthra*, *Sonoma*, *Ontario* e *Lupinus*, e de 20 cagaminas. A divisão, que é procedente de Gibraltar, vem sob o comando do oficial Nelson.

Foram armadas em Santos algumas tendas de campanha para venda, exclusivamente aos marinheiros, de tabacos, bebidas, etc. Policiando as ruas apareceram ontem à noite algumas patrulhas de marinheiros americanos, armados de canoas, destinados a essas patrulhas apenas ao policiamento entre a marinhagem estrangeira.

## EM VOLTA DE UM «TRUST»

## ARTE DRAMÁTICA NACIONAL

A decadência do Teatro — A Influência dos «brasseurs d'affaires» — A confusão e a promiscuidade dos generos teatraes — A revista e o animatografo como fontes de desmoralisação

Pelo que os nossos colegas nos teem dito, alguns empresários teatraes preparam e premeditam na sombra um verdadeiro atentado contra a arte nacional.

E' necessário que não colaborem nesse monstruoso crime de lesa-arte a nossa indiferença, a nossa apatia e a nossa passividade, deixando-os tripudiar, à solta, o arremeter contra tudo quanto possa, talvez, contribuir para dar à nossa terra um possível resurgimento da arte de representar, já abatida e decadente nêstes últimos vinte anos.

E' que há factos que, tendo passado despercebidos, convém relembrar para maior elucidação; circunstâncias que é mister accentuar, como exemplo ou ensinamento; e, finalmente, interesses — os do maior número — que devem ser acatados e defendidos, antes que os *brasseurs d'affaires* convertam alguns dos teatros de Lisboa em casas de taboagem ou casinos, onde, em vez de arte, se exerça uma industria nociva, mais dissolvente do que a proporcionada nas dezenas de clubs de batota, monte e banca francesa, que existem, actualmente, entre o palácio Foz, rua do Jardim do Regedor e Largo de S. Domingos.

As classes trabalhadoras teem direito a que lhes ministrem aspectos de beleza pela vida imaginada, que outra coisa não é o teatro honesto, educador, progressivo e digno da época em que vivemos. E' necessário que elas intervenham com o seu protesto sempre que os burgueses e empresários de pacotilha improvisados armem balcão com pantomimas à porta dos edificios que, até agora, ostentam o pomposo nome de teatros, mas que, afinal, não passam de prostíbulo.

Ganha-se dinheiro, e dizem mesmo, muito dinheiro, sugado às economias do povo, com toda essa vasa de esterguelo que se mascara com o sagrado nome de arte. Os burgueses não aceitam nem protegem facilmente senão berundanças que lhes desvançam as vaidades, falsos e postiços sentimentos de generosidade e de filantropia de que se julgam com o exclusivo.

Ter-se-ão, porventura, nestes últimos vinte anos, selecionado umas dezenas de peças portuguesas postas em scena nesses teatros dirigidos por burgueses, nas quais perpassassem as virtudes, defeitos ou qualidades da nossa psicologia ou da nossa raça? Não. Exceptuando meia dúzia de originaes, dignos de registro especial, o resto foi quinquelharia, suçada da banalidade do velho mundo burguez, obras emafroditas, lascivas do industrialismo francês que não traduziram o menor sopro de beleza, qualquer ensinamento e com a agravante de pejaarem os repertórios das companhias de declamação portuguesas, emagando e asfixiando a produção nacional. Como consequência lógica, não houve, por seu turno, a chamada «criação» de quaisquer figuras do teatro português. Entretanto, os empresários, que deram à luz a ribalta esses monstros teratológicos do mercantilismo parisiense, enriqueceram e

foram cognominados de protectores da literatura dramática nacional.

Antigamente, havia mais critério nestas coisas, havia juízo, respeito pela opinião pública e, sobretudo, encontrava-se nesses empresários um pouco-chinho de dignidade da profissão. Alguns, como Francisco Palha, eram inteligentes, talentosos, bem educados. Impunham-se por qualquer qualidade. Hoje, é uma lástima, uma miséria. Os teatros estavam divididos natural e logicamente por especialidades definidas e características. Era a Trindade, com o *vaudeville*, ópera-cômica e mágicas; Offenbach, Halsey, Meilhac; as traduções e arreglos, do Garrido, e as mágicas do Oliveira; o Ginásio, com a baixa-cômédia e uma clientela certa para as peças de Gervásio Lobato; o D. Maria, com alta comédia e drama e um outro episódio rústico ou drama histórico; o Príncipe Rial, com o dramalhão do género das *Duas Orfãs*, e da *Cabana do Pai Tomás*; e, finalmente, o Rua dos Condes, com a revista das efemerides e *fait-divers* de todo o ano, pelo Argus, Jacobetty e Souza Bastos. Toda a gente sabia os elencos de cor e saltado, assim, como os generos das peças. Quem corresse, uma semana a oito, esses teatros não encontrava uma peça idêntica. Agora tudo é confusão e balbúrdia.Teem sido os empresários — raríssimas excepções teríamos a registar — os covetores do teatro português, não se podendo facilmente descreminiar qual deles teve maiores responsabilidades nesta barafunda que para aí anda. Mas como se isso não fôr ainda bastante, pensa-se agora num *trust* para dar um golpe de morte aos variados elencos dos teatros de Lisboa que, bem seleccionados, podiam fornecer de boas companhias de declamação: — uma, mais escolhida e perfeita, para a alta comédia e drama; outra, para o drama popular, independente das que se formassem para exploração de ópera, baixa-cômédia, etc.Pelos modos, ninguém ou quasi ninguém escapa do *trust*, cujos tentáculos, apesar das declarações do sr. Augusto Gomes, do Apolo, do sr. Vasconcelos, do Eden (futuramente do S. Luis) e do sr. Carlos Santos, do Avenida, continuarão a distender-se, agora mais do que nunca, encobertamente, para complicar a vida, já atormentada, dos artistas de pequena categoria.

Alarmada com a notícia d'êste sensível propósito que, a efectivar-se, além do prejuizo que representaria para o público, para a critica e para a Arte, iria profundamente lezar os interesses da gente de teatro, a Associação de Classe dos Trabalhadores de Teatro apressou-se a convocar para uma sessão, a fim de tratar do assunto, todos quantos adentro de um teatro trabalham.

A essa reunião, que se realiza hoje, às 14 horas, na sede daquele sindicato, o *Lácio da Regaleira*, ao largo de S. Domingos, não faltaremos, como nos cumpre, como órgão defensor dos interesses de todas as classes assalariadas.

## Na linha de fogo

## O valor do sindicalismo

Todas as teorias sociais teem, mais ou menos, o seu suporte filosófico que é no sindicalismo a sistematização dum fenómeno da economia social — a produção. Assegurar, desenvolver, condicionar a produção é o objectivo do sindicalismo, e nenhum sistema a garante melhor do que este, pois nenhum oferece uma organização tão perfeita e adequada a esse fim.

O sindicalismo cria também uma correlação íntima entre sindicato e oficina. Na oficina o sindicalismo prepara a técnica as aptidões profissionais do operário; no sindicato deve preparar a educação as suas qualidades morais e sociais. No ponto de vista sindicalista o sindicato é a projecção política da oficina. O sindicalismo abrange assim, como não sucede em outro sistema, o homem na sua dupla qualidade de braço e de inteligência, de acção e de pensamento, o homem íntegro, em suma. Dai o seu fundo idealista, e o teorismo doutrinarista que não pode em boa justiça negar-se-lhe.

Desde que o trabalho esteja metido e a produção assegurada não haverá sobreavulso de maior na passagem dum regime para outro, dum para outro sociedade. Pelo mecanismo da organização sindical, os sindicatos de officios, ou as federações de industria é que tomam posse das officinas e das fabricas, eliminando a função patronal que é hoje mais parasitária e usurpadora que dirigente e reguladora.

O sindicalismo prevê pois a sociedade como um agregado de organizações cooperativas ou associações profissionais elaborando e dirigindo a produção — o fenómeno económico por excelência. Não é todavia um movimento exclusivamente corporativo; é pelo contrario um completo sistema de transformação social. Há um pensamento sindicalista como há uma acção sindicalista. É uma filosofia

nova do trabalho que veio aligerar as sólidas bases as velhas teorias inconsistentes. É um novo arranjo social, uma nova sinergia sob a forma dum federalismo económico em que o sindicato é a célula da sociedade.

As linhas desta futura organização vêm-las até esboçadas já no actual regime económico. É a rede das associações, dos sindicatos, dos núcleos corporativos, os mil afluentes das espécies protivas, cujos encadeamentos geram essas grandes artérias da produção moderna chamadas federações de industria, E a Construção civil e a Metalurgia que erguem as cidades, os monumentos; rasgam as estradas e as vias férreas; e a Federação dos transportes que movimenta os tramways, os expressos, os transatlânticos; a Federação do livro que aprende e fica o labor intelectual e reflecte os mil cambiantes do pensamento; a Federação da alimentação, o Têxtil...

A educação sindical é um factor constante de aperfeiçoamento técnico e moral. Que o trabalho deize de ser uma tara social, o estigma dum classe desaliada pela miséria e por séculos de servidão, e nós veremos como ele é amado e é melhor e mais belo. Por esta dignificação do labor de mister sevil tornado função nobilitante, o sindicalismo é um movimento de renascença moral. Por outro lado, construindo, edificando, manufacturando, o gesto do artífice, cada vez mais inteligente, é uma conquista que transmigrando na raça se transforma lentamente na disciplinada aptidão técnica. O sindicalismo é também um movimento de renascença profissional.

Manuel Ribeiro

## Pessoal da Imprensa Nacional

A direcção da Associação do pessoal d'êste estabelecimento do Estado procurou, na sexta-feira, o presidente da República, para tratar da subvenção de guerra. Na impossibilidade de ser recebida, foi-lhe comunicado pelo secretário, sr. Afonso Nobre da Veiga, que não há ainda nada resolvido.



# A ARTE E OS ARTISTAS

## A EMBOSCADA

Peça, em scena no Teatro de S. Luiz, de Henry Kistemaekers, traduzida por Oldemiro Cezar.

Vimos como comovido agraço, no palco do S. Luiz, a excelente peça de Kistemaekers. Obra de ideias, em que ao lado do grande problema social dos nossos dias se agitam e se analisam as mais fortes paixões humanas. A Emboscada há de fatalmente encontrar em Lisboa o seu público, entre aqueles cujo sentimento do belo não está ainda inteiramente depravado por dez anos de revistas reles e de teatro pornográfico.

Revistas vezes se dá hoje, entre nós, este caso, de uma empresa teatral trazer a público uma peça de tese.

Habitualmente como estamos às comédias ligeiras e sensaboronas, em que o adulterio e o segredo do nascimento explorado com as mesmas falsas situações; enojados já desses ignóbeis revestimentos cuja pornografia, cuja sujidade de linguagem, cuja baixaria de conceitos, nem sequer tem a desculpa de um vislumbre de espírito, uma peça como A Emboscada causa entre nós verdadeira sensação.

Robert Morel (Robles Monteiro) é um engenheiro acabado de sair da escola, cheio de energia, de actividade, de inteligência. Filho dum aventureiro amoroso, entre gente altamente colocada, o seu nascimento teve de ser oculto como uma vergonha. E Morel, que tem todas as condições para triunfar e ser feliz, sente pesar sobre o seu destino, como um estigma infamante, esse nascimento ignominioso. Apenas Lúmenil (António Pinheiro) conhece o segredo do nascimento de Morel, que ele educou e por quem tem os desvelos dum verdadeiro pai. A mãe do pequeno enfeitado conseguiu mais tarde casar com um industrial de automóveis, homem activo e trabalhador que, denodadamente, tem lutado contra todas as adversidades. E agora Sergine Guéret (Angela Pinto) vive tranquilamente na companhia de seu marido, o sr. Guéret (Ferreira da Silva), e dum filho de 17 anos, Ana Maria (Beatriz Viana), preocupando-se apenas a situação moral em que se encontra perante o marido, a quem não teve a coragem de confessar a sua falta, e perante o filho, a quem não pôde apertar nos braços, à luz do dia, diante de toda a gente!

Quando Morel se prepara para partir para a Austrália, a mãe insiste com Lúmenil para que lhe leve o filho a uma colónia, em sua casa, afim de o poder ver antes da partida. O acolhimento que lhe faz Mmo Guéret é tão cheio de ternura, tão repassado de amizade, que Morel chega a esquecer por um momento a grande dor da sua vida e a sonhar um futuro ridente de esperanças.

Guéret, que naquela noite teve ocasião de apreciar as qualidades do jovem engenheiro, convence-o a ficar na sua casa, como director técnico dos serviços de construção.

No segundo acto aparece Paget (João de Oliveira) o chauffeur, de confiança da casa, que, em várias corridas, tem ganhado prémios importantes. É o tipo do operário desmoralizado pela situação privilegiada de que goza e pelos altos salários que auferir; uma espécie de apache, viscoso e cínico, nutrido pelos seus antigos camaradas de oficina o mais soberano dos desprezados. Um operário, a quem ele acabava de seduzir a companheira, saboteou-lhe o carro em que devia correr. A máquina espatifou-se numa volta da estrada; mas Paget escapou, milagrosamente, sem uma beliscadura.

Este acto, que irrita profundamente Guéret, leva-o a tomar severas medidas de repressão, contra as opiniões bem expressas de Morel que prevê a catástrofe.

No entanto Ana Maria, que é muito amiga de Morel, pede-lhe que interceda junto dos pais, a fim de que a não obriguem a fazer um casamento de conveniência com um patetinha, filho dum riquíssimo industrial. Morel acaba por ceder e promete falar do caso a Mmo Guéret.

A condessa de Servais (Emília de Oliveira), é uma aventureira russa que tem procurado arrastar consigo a Guéret, induzindo-o a abandonar a própria família. Não quer apenas como amante; quer-o também como industrial, como homem de negócio, a fim de que ele lhe reorganize os seus antigos fôrnos. Vem anunciar-lhe a próxima partida para a Rússia, certa de que ele em breve a seguirá.

Sergine Guéret, que ouve a última parte do diálogo, entra convencido de que seu marido está prestes a abandonar a. E conta-lhe, numa vez repassada de amargura, a história dum amigo, que vê o seu lar a desmoronar-se e o companheiro de vinte anos de vida em comum, arrastado para longe por uma aventureira sem escrúpulos. Guéret compreende e diz-lhe que tranquilize essa sua amiga e lhe garanta terminantemente, não só que o marido a não deixará, mas que nunca mesmo foi amante dessa aventureira.

Morel, que encontra a sós Mmo Guéret, intercede junto dela pela pobre Ana Maria destinada a casar com um pateta por quem não sente a mínima atracção. Mmo Guéret sobrelesta-se, atorrada com a ideia de que a intervenção de Morel seja determinada por qualquer paixão nascente no espírito do novo engenheiro.

E, perdida a cabeça, desvairada, com o recio daquele amor incestuoso, faz ver a Morel a inconveniência que praticou, intervindo em assuntos de família que lhe deviam ser absolutamente vedados. Este não compreende os motivos determinantes da atitude irritada de Mmo Guéret e, julgando ver naquelas palavras uma referência à sua situação de filho de pais ignóbeis, põe abruptamente a questão, e pergunta o que faria Mmo Guéret se ele pretendesse a mão de Ana Maria. O grito de terror, a expressão de resolução angustiosa daquela pobre mãe, que se sente impotente para evitar a grande catástrofe,

## NO SUL E SUESTE

### Na eminência de um perigo

Sabemos estar-se desenvolvendo no Sul e Sueste uma campanha de difamação contra os camaradas que tem estado à frente desta classe, tendo essa campanha o propósito de desmoralizar, esquecendo-se todo o seu trabalho desde 27 de Dezembro até agora realizado.

Dava o pessoal ferroviário manter-se indiferente a todas as dissensões que se produzam porque da sua calma e que se poderá resultar a estabilidade da sua organização em perigo.

A classe ferroviária do Sul e Sueste, que sempre tem mantido uma atitude de franca solidariedade com a restante classe operária, tem de compreender que o engrandecimento do operariado português resulta da concordância de todos os seus elementos. Ela, que gravou páginas de ouro na história proletária, não tem o direito, devido às responsabilidades adquiridas, de quebrar uma linha de conduta que tanto a tem engrandecido; não devendo deixar-se desmoralizar por revizes ou campanhas dissolventes, seja qual for o aspecto com que se apresentem.

## VIDA SINDICAL

### COMUNICAÇÕES

#### União dos Sindicatos Operários

Reuniu a comissão administrativa, que resolveu convocar as engomadeiras de Lisboa para reunirem amanhã, 17, pelas 21 horas, para tratar de assuntos importantes para a sua classe, pedindo esta comissão administrativa a comparencia, para o mesmo assunto, do camarada Abel Jacinto Pereira.

#### Oficiais do Colchoeiro

Realiza-se no dia 23 do corrente o 4.º aniversário desta Associação, sendo comemorado com uma sessão solene em que usará da palavra diversos oradores.

#### Estivadores do Porto de Lisboa

Aprovou a tabela de jornais diários, sendo lidos diversos officios das agências de navegação, sendo aqueles aprovados. Foi resolvido que as cartas para o pessoal que vai trabalhar para bordo sejam feitas no Cais de Sodré, margem leste.

Resolveu adquirir 10 acções de A Batalha e conservar-se em sessão permanente.

#### Serventes de Poedreiros e Estuadores

A direcção deste sindicato, na sua reunião de ontem, apreciou uma queixa dum grande número de serventes que trabalham na terraplenagem do Parque Eduardo VII, sobre a forma como tem procedido para com os mesmos, resolvendo convidar todo o pessoal que trabalha no mesmo parque a uma reunião magna, que se realiza hoje, pelas 16 horas, na sede deste sindicato, calçada do Combro, 38-A, 2.º.

#### Sindicato Ferroviário

A assembleia deste sindicato, ontem reunida, votou a seguinte moção:

«Considerando que a ordem da Direcção Geral 1073 e n.º 1079 foi confeccionada e posta em prática com o fim único de fazer mal;

Considerando que além de trazerem a ruína a muitas casas pela sua doutrina perversa e porque não salvaguardam casas que de momento aparecem;

Considerando também que não sendo humanitárias, incitam chefes e médicos a exercerem sobre o pessoal vianganças mesquinhas;

Considerando, ainda que, sobre todas as coisas, é uma afronta à dignidade pessoal;

Considerando mais ainda que tais ordens não deviam por princípio algum ser assim estabelecidas, tendo em vista o tempo que se atravessa e as condições estranhas que nem a sciência sabe qualificar;

Considerando ao mesmo tempo que para se castigar um empregado não era preciso chegar a um tal excesso;

Considerando igualmente que estas ordens representam o mal em paga do bem que nos deviam dispensar;

Considerando por fim que elas trazem em si a morte lenta e premeditada dos que trabalham e sabem cumprir com os seus deveres; a classe, reunida em assembleia geral, resolve:

1.º Que olhando à má impressão que tais ordens causaram em todos os empregados desta Companhia e às consequências funestas que delas se esperam, pedir a sua abolição completa e imediata, nomeando-se de cada comissão de secção um homem que, formando assim uma comissão mista, se ocupe de tal facto até ao fim.

#### Fragateiros do porto de Lisboa

Reuniu ontem a assembleia geral para apreciar uma local publicada nos jornais diários com o título A questão do porto de Lisboa, em que afirmam os proprietários de fragatas, em officio enviado à Associação Comercial, que os fragateiros do porto de Lisboa não só não querem trabalhar em mar de noite, mas também em trabalhos nocturnos, quando estes ainda não receberam qualquer officio nesse sentido.

A assembleia protestou contra esta insinuação, visto que ela não é verdadeira, tendo somente por fim prejudicar os fragateiros, que sempre tem sido vítimas dos proprietários de fragatas. Como não seja verdadeira tal insinuação, resolveram officiar às associações Comercial de Lisboa e Industrial, bem assim aos ministros do trabalho e da marinha, e ao chefe do departamento marítimo do centro, reclamando seja marcado dia e hora em que possam receber a direcção desta Associação, a comissão de melhoramentos e também a direcção de proprietários de fragatas para se verificar a verdade do tal affirmação.

A assembleia declara não ser o Sindicato culpado de vários factos se temendo, como também nunca pensou prejudicar o comércio e o porto de Lisboa; pelo contrário, sempre tem trabalhado para o seu desenvolvimento.

## A ESMOLA

### Solução do problema da mendicância...

Para solucionar a posse das novas juntas de freguesia, o governador civil determinou que no próximo domingo, 23, fossem por elas distribuídas aos pobres das suas freguesias, esmolas na importância total de 6.000.000.

O governador civil resolveu destinar mensalmente uma certa quantia para, por intermédio das mesmas juntas, se fazer o auxilio directo ao doente, a fim de socorrer os que, lutando com dificuldades da vida, se vão deixando minar pela miséria, sem comunga vir a sua mendigar.

O facto da verba de beneficência passar a ser governada e distribuída a resolução do problema da mendicância nas ruas, procurando a forma de albergar esses desgraçados, que diariamente expõem ao público as suas dores.

### Rápidos Lisboa-Porto

Efectuou-se ontem o primeiro comboio rápido para o Porto, indo repleto de passageiros.

As carruagens são de corredor lateral, que antes da guerra serviam nos mesmos comboios. As máquinas são alimentadas a carvão, para manter a sua marcha oficial.

### LER NA 4.ª PAGINA:

## Contos de A BATALHA

# ULTIMAS NOTÍCIAS

## A Convulsão Europeia

### NA RUSSIA

Segundo o chefe das tropas americanas na Rússia, o povo russo é, na sua maioria, bolchevista.

**NEW YORK, 14—O chefe das tropas americanas na Rússia, convidado pelo senado americano para dar a sua opinião sobre os acontecimentos da Rússia, manifestou-se contrário ao bolchevismo, mas oposto à intervenção militar dos Estados Unidos, visto considerar que a maioria do povo russo é bolchevista.**

**Motins entre as tropas bolchevistas**

PARIS, 12—Telegrafam de Helsingfors que rebentaram motins entre as tropas bolchevistas da divisão formada por croatas e chineses, sendo a repressão feita sangrentamente.—H.

**Comunicado do dia 5 de Março, do Governo dos Soviets**

LONDRES, 11—O governo russo annuncia por meio de um radiograma o seu comunicado sobre as operações, relativo a 5 de Março:

«Frente setentrional—Na direcção de Anabakh continuava a luta. Na direcção de Murmansk ocupamos Irtigoussens, a cem verstas a noroeste de Sonjev.

«Frente ocidental—Na direcção de Alerkam conquistámos uma série de cidades a dez verstas a noroeste de Potchem.

«Frente meridional—A sudoeste de Tsartizin ocupamos alguns povoados a 10 verstas ao sul da estação de Morosovskaya.

«Frente oriental—Na direcção de Vraksk capturamos Plotni Knov, a 25 verstas dos Uraes. Na região de Orsk tomámos posse de várias estações a 35 verstas a noroeste de Bahkmut, capturando 12 vagões de carvão. A noroeste de Lugansk, na região de Nijaitilipij Gadikovskiy o inimigo fez-nos evacuar alguns terrenos.

«Na direcção de Millerovo tomamos Tcherbow, Bejedovskaya e Kmpinski, a dez verstas ao norte da estação de Bolayakaliva.

A 110 verstas ao norte de Orsk conquistamos uma granja, depois de violenta luta. Mais ao norte ocupamos uma série de povoados a 120 verstas a sudoeste de Verkhneuralsk. Na região de Ufa continuou o nosso avanço, ocupando Ajatenbeteva, a 75 verstas ao noroeste de Ufa. Na região de Rems, ao norte do caminho de ferro, retiramos algumas verstas. Mais ao norte ocupamos vários povos próximo do rio Obva. Cerca de Oshibskaye continua o nosso avanço.

«Na região de Narva ocupamos algumas povoações a 4 verstas a leste da cidade de Narva. Na direcção de Mitau, perto de Muraviev, o inimigo fez-nos recuar. Em direcção de Bolmar repelimos a ofensiva inimiga na região de Henselhof.

«Na região de Marienbrugg continuou o nosso avanço, tendo ocupado Opekain depois de uma violenta batalha.

«Na região de Muraviev, na direcção de Libau, foi repellido uma ofensiva inimiga, que custou ao inimigo numerosos mortos.

«Na região de Eresno fomos obrigados a evacuar as granjas de Neuhg e Pampal.

**Comunicado do Governo dos Soviets do dia 10**

LONDRES, 12—Na direcção de Sewn na região de Kuprov, começamos a ofensiva, tendo conquistado as povoações de Yagurovo e Shedovo. No dia 8 de março, na direcção de Novgorod-volynsk, fizemos numerosos prisioneiros. O inimigo foge, sendo perseguido.

A 9 de Março, na região Talnoye, ocupamos Komanovka, avançando com êxito. Na região de Voznesensk, evacuamos a aldeia de Maximovka.

Quando ocupamos Besdichev, captu-

ramos 28 canhões, um comboio com munições, grande quantidade de aparelhos telefónicos e telegráficos, um milhão de libras de açúcar e 200 moios de farinha.

«Na região de Kajatin, o inimigo foi completamente derrotado. O estado maior ficou aprisionado e apoderamos-nos de muitas metralhadoras.

«Perto de Belaya e Tenkov, capturamos grande numero de canhões, munições, veículos, motores e material de guerra.

### O atentado contra Clemenceau

Cottin é condenado à morte

LONDRES, 15.—(T. S. F.).—Cottin que atentou contra o presidente do governo francês, sr. Clemenceau, foi condenado à morte.—H.

### O atestado dos funcionários

provoa um pedido de sindicância ao reitor da Universidade

COIMBRA, 15.—O reitor da Universidade requereu a sua suspensão e um inquérito aos seus actos e os professores da Faculdade de Direito não appareceram nas aulas.—H.

### Legislação Internacional do Trabalho

LONDRES, 12—A comissão para a legislação internacional do trabalho teve hoje a sua 20.ª sessão, em Paris, sob a presidência do sr. Gompers, iniciando a terceira leitura do projecto de convenção submetido pela delegação britânica.—(Havas).

### EM FRANÇA

### Um oficial português condecorado

PARIS, 14.—O sr. Carlos Augusto, chefe da estação de T. S. F., de Leixões, recebeu do governo a cruz da instrução pública em reconhecimento pelo concurso por ele prestado durante a estada em Leixões da esquadilha de patrulhas da marinha francesa.—H.

## A BATALHA NO PORTO

**Tentativa de envenenamento—Official monárquico preso—Desabamento—Assalto a um tribunal**

**PORTO, 14—A policia está investigando sobre a queixa apresentada por Emília da Costa Braga, que acusa a sua vizinha Margarida Duarte Dias de a querer envenenar e matar para depois casar com o marido.**

«Na rua do Laranjal desabou esta tarde a parede e o telhado de um prédio em demolição, ficando soterrados 4 homens, que recolheram ao hospital, onde já morreu um.

«Foi preso o tenente coronel Artur Miranda de Lemos, que exerceu a censura à imprensa no tempo da insurreição monárquica e que foi instrutor do batalhão realista.

«Os larapios assaltaram o tribunal de S. João Novo, roubando alguns objectos e pequenas quantias dos cartórios.—H.

**Os estudantes aplaudem o afastamento de vários professores da Universidade de Coimbra, mas os restantes professores solidarizam-se com os seus colegas.**

COIMBRA, 14.—A academia republicana, reunida em assembleia geral, tomou conhecimento do governo ter afastado quatro professores inimigos das instituições, resolvendo saudar a ministério da instrução, e pedir-lhe, para ser colocado na Universidade um reitor de absoluta confiança republicana.

«Por motivo da suspensão dos quatro professores, a faculdade de direito resolveu solidarizar-se com os seus colegas, considerando-se também suspensos, o que comunicou ao governador civil.—H.

### CRISE MINISTERIAL

Encontram-se demissionários os ministros das colónias, estrangeiros e abastecimentos, constando-nos que se trata de os substituir por individualidades sem filiação partidária.

Os ministros demissionários pertencem ao Partido Nacional Republicano.

### Os boateiros

Foram presos pelo guarda 1887, Margarida da Conceição Ribeiro, rum Passos Manuel, 118, r. e Ana Almeida, rum Ribeiro de Sá, 67, por andarem na área da esquadra do Arolos, pelos estabelecimentos, a espalhar boatos falsos no sentido de alarmar o publico, dizendo que as tropas vinham do norte a caminho de Lisboa para combater as tropas fiéis ao governo e que um officio do exército tinha recebido um telegrama para retirar de Belém setecentos e que se esperavam em Lisboa grandes acontecimentos, pela haveria revolução. Interrogados, confessaram a acção.

### Tabacaria que não vende A Batalha

Quixam-se alguns nossos camaradas que o proprietário da tabacaria Nunes, da rua Augusta, 243, que vende várias publicações, sendo convidado por diversos frequentes a vender A Batalha no seu estabelecimento, a isso se recusou. Aos nossos camaradas aconselhámos a bofetada deste estabelecimento.

### No governo civil

No gabinete do governador civil tomaram ontem posse dos cargos de 1.º e 2.º comandantes do corpo de policia civis, respectivamente os srs. maiores Virgilio Fernandes e Bruno do Carmo. O sr. Virgilio Fernandes, teceu-lhe de conselho administrativo do policia civil, entregou ontem ao comandante da policia civil regulamento pedindo uma algures sindicância nos seus actos.

**Fazer uma propaganda activa em favor do nosso jornal é o dever de todo o operário.**



## Câmara Municipal de Lisboa

Mercado 24 de Julho

A Associação de Classe dos Agricultores e Horticultores do distrito de Lisboa, em representação que foi lida em sessão da comissão administrativa, instou pela construção de uma cobertura no Mercado Agrícola 24 de Julho, na parte que defronta com o edifício da Assistência.

Os srs. António, Maria de Oliveira e Afonso de Macedo mostraram quanto o pedido era justo, resolvendo-se que a repartição respectiva com urgência elaborasse o orçamento competente, sem o que a obra não poderia ser votada.

## A crise operária

O secretário geral do ministério do trabalho, em nome do respectivo ministério, comunicou à comissão administrativa, de harmonia com o que com a verbalmente havia acordado, que nas obras a cargo do município podiam ser admitidos até 500 operários, mas somente aqueles que fossem munidos com guias passadas por aquele ministério (gabinete do ministério), incluindo-se naquele número alguns pedreiros e canteiros, para trabalharem nas fundações do monumento ao marquês de Pombal. As faturas de todos os referidos operários serão pagas por aquele ministério, bem como os materiais destinados às fundações do aludido monumento.

## Arbitros Avindores

A comissão aprovou por unanimidade uma proposta do sr. José Cândido dos Santos para, ao ministério do trabalho, serem indicados os seguintes nomes para, de entre eles, se escolherem os que devem ser presidente o vice-presidente do Tribunal dos Arbitros Avindores: dr. Filipe Mendes, dr. Pedro Matos, dr. Virgílio Saque, dr. Aurélio da Costa Ferreira, Manuel Joaquim dos Santos, J. Carlos Rates e António José Correa.

**Recenseamento militar e taxa militar**  
Para presidentes das comissões do recenseamento militar e do lançamento da taxa militar dos 1.º, 2.º, 3.º e 4.º bairros de Lisboa foram nomeados, respectivamente, os srs. Magalhães Peixoto, Miguel Bravo, Cândido dos Santos e Afonso de Macedo.

## A limpeza da cidade

O vogal dr. sr. Hermano de Medeiros occupou-se do estado lastimável em que de há muito se encontram as ruas da capital. O pelouro por onde tal assunto corre fôra o que lhe havia sido destinado e por isso chamava a atenção dos seus colegas para ele, pois a bem da hygiene tal estado de coisas não podia continuar. Quando não havia poeira, havia inuidade e vice-versa; quando esta não existia era a poeira que com os competentes microbios tudo invadia com prejuizo da saúde publica. Sabia que as circunstâncias financeiras do município não eram e não estavam longe de ser desastrosas, mas há outras cidades mais pobres onde a limpeza das suas ruas não se parece nada com o que se dava em Lisboa.

A vida da cidade nos últimos tempos tem estado paralisada, devido a greves, estado de sitio, suspensão de garantias, etc., lutando-se por isso com dificuldades para ter os serviços publicos normalizados e devidamente organizados. Não quizera, ele ainda apresentar-se na sessão, sem previamente ter ido à sede do seu pelouro colher elementos de que necessitava e ali sobre de facto os motivos que indicava terem prejudicado enormemente o serviço de limpeza. Entre outros artigos que faltavam no mercado tenho, por exemplo, de citar as vassouras, sem as quais impossível seria fazer a varredura. Para obviar a tal inconveniente deu ordem ao chefe da repartição para as adquirir onde as pudesse encontrar. Para que o serviço de limpeza fosse mau também havia um factor muito importante, e vinha a ser o pessimo estado em que se encontravam os pavimentos das ruas. As vassouras ao tirarem o lixo das covas para o cotecarem sobre as pedras da calçada ou destas arremecavam para dentro das covas.

Folgava imenso em que a testa do pelouro das ruas se encontrasse a seu colega dr. Costa Júnior, para o qual chamava a sua atenção para os pavimentos das vias publicas, pois tinha a certeza de que ele, a bem da hygiene e da estética da cidade, envidaria todos os seus esforços no sentido de Lisboa não dar a impressão de Marrocos.

O dr. sr. Costa Júnior diz estar de acordo com as considerações expostas pelo dr. sr. Hermano de Medeiros e não deixaria de procurar adoptar medidas adequadas a modificar o actual estado dos pavimentos; devia, porém, observar que se de facto o serviço de limpeza dependia em parte da forma como se encontravam os pavimentos, estes, por sua vez, estavam dependentes do estado deplorável em que se encontram as canalizações de esgoto e outras.

Depois de ficar de se entenderem sobre o assunto os vogais dos três respectivos pelouros, o dr. sr. Hermano de Medeiros propôs, sendo aprovado, que se adquirissem em praça 20 muezas para o serviço de limpeza e regas e 2 para o serviço dos jardins.

## Secretário da presidência

Foi aprovada uma proposta da presidência escolhendo para seu secretário particular o 1.º official chefe António Esteves Rodrigues da Silva, e outra para que o 2.º official Virgílio da Cunha, que desempenhava as funções do presidente da Comissão Administrativa anterior, passasse a prestar serviço na secretaria da câmara.

## 24.ª esquadra de policia

Já reassumiu o comando da 24.ª esquadra, instalada no edificio da Câmara Municipal, o chefe Aleixo, que se encontrava fazendo serviço no governo civil, na organização do novo corpo de policia civil.

## DOENTES

Tentem a massagem e aproveitem as suas vantagens. **Pósto Fisioptata**, rua da Palma, 55, 1.º, das 4 às 7.

## COLUNA ESPERANTISTA

## O QUE É O ESPERANTO

...a sua importância:  
para os trabalhadores:

«Mi desiras korespondadi kun vi. Varne mi petas vin akcepti mian proponon. Mi havas multe da plezuro ko respondadi kun vi pri tutmonda sociala movado.»

E' dum esperantista do Japão este postal. Um japonês que, desejando acompanhar de perto a convulsão que o mundo inteiro sofre neste momento, estudou e aprendeu em poucas semanas o Esperanto e, por meio dele, se me dirige perguntando-me se eu aceito trocar com ele impressões sobre o movimento social de todo o mundo.

Perto da Rússia revolucionada, chegando até si os mais confusos bantos da revolução que alastra por toda a Europa, o meu samidemo deseja certificar-se, de fonte segura, da veracidade das estrondosas notícias que do ocidente chegam até lá.

Nos confins do ocidente europeu alguém há, certamente, que pensa como eu: internacionalistas que não deixam de se esforçar por abolir as fronteiras criadas pela ambição dos homens; pacifistas que, terminada a conflagração europeia, mostrarão ao povo as mentiras das guerras e quanto elas tem de horrível, de desumano e de selvagem; comunistas que, combatendo o estado burguês já decadente, pensam na organização duma sociedade harmonica, onde todos vivam e todos trabalhem, onde todos se compreendam, amem e respeitem.

Sim, lá, a milhares de léguas, indivíduos há que, não obstante a diversidade de costumes, pensam da mesma forma e tem as mesmas aspirações.

De nada valem as fronteiras, de nada vale a diferença de raças, de nada vale a diversidade de costumes.

E nem mesmo a lingua, tam differente, tam difficil, dos povos de além Rússia, impede já que informações seguras venham confirmar ou desmentir as mais contraditórias notícias sobre o desenvolvimento das ideias libertadoras na Europa revolucionária.

O Esperanto destrói todas as barreiras. O Esperanto não é só uma lingua que toda a gente, de todo o mundo, aprende nalguns meses. O Esperanto não é só um idioma cuja gramatica de 16 regras, sem excepções, se aprende em poucas semanas. O Esperanto não é apenas uma lingua artificial, perfeita, racional, fícil e completa. O Esperanto é uma das fortes colunas sobre que deve assentar a sociedade de amanhã.

O Esperanto é o início da internacionalização, é a alavanca que há de destruir as barreiras artificiais que dividem os povos; é a força poderosa que os há de unir terminando as carnificinas que, ensanguinando a Terra, tem posto de luto tantas vezes a Humanidade inteira.

Graças ao Esperanto, posso eu contar já no Japão com um camarada e um amigo, porque nada há que mais una os homens que as afinidades de ideias e de pensamentos.

Nenhuma aliança há maior do que a aliança da lingua entre indivíduos de raça diversa e separados por milhares e milhares de quilómetros.

O Esperanto interessa a toda a gente. Os trabalhadores tem o dever de o aprender e, se algum trabalho isso lhes dá, ele será compensado vantajosamente pelo prazer de comunicar com todo o mundo, porque em todo o mundo se fala Esperanto.

E que satisfação para um estudioso conhecer os costumes dos povos distantes, a sua organização e até o seu desenvolvimento social! Que prazer receber de toda a parte vistas e paisagens de cidades, campos, serras, rios!

Agora tenho eu sobre a minha mesa o palácio imperial de Tokio, a arcada Jenkins Building uma queda de água do Niagara, uma ilha de pedra da Sibéria, além de inúmeros panoramas de Paris, Perigueux, Roma, Madrid, New-York, etc.; o North Market Street de Urbana, uma bela vista do Sena.

Porque não aprenderão os operários o Esperanto?

Falta de tempo, de dinheiro, de disposição, de meio?

Em Portugal há já bastantes escolas esperantistas. Nomeadamente em Lisboa, há agora uma meia dúzia de grupos e sociedades que, gratuitamente, se oferecem para ministrar aos trabalhadores elementares conhecimentos da excelente lingua de Luis Lazaró Zamenhof.

E' um crime que a consciência não deve perdoar abandonarmos, propositadamente, uma causa de tanto interesse para nós que somos por princípios pacifistas e internacionalistas.

## Malunilano.

**Portugala Esperantista Socialista Assoc.**—Reuniu a assembleia geral para a eleição dos corpos gerentes do ano corrente, que ficaram assim constituídos:

**Comité Central Directivo:** presidente, João Graça; secretário interno, Pereira Júnior; secretário externo, José Pires Barreira; tesoureiro, Hermínio dos Santos; vogal, D. Marcelina Sara. **Assembleia geral:** 1.º secretário, Manuel Jesus de Moura; 2.º secretário, Mário de Figueiredo. **Conselho fiscal:** presidente, José Custódio da Silva; secretário, António José da Costa; relator, D. Josefinha Homem.

A nova direcção, que toma posse hoje, já tem em projecto diversos assuntos que reputa da máxima importância, como sejam a criação do gabinete de leitura, com obras em português e esperanto, edição de livros de propaganda e ensino, abertura de cursos em diversas freguesias de Lisboa, criação de uma filial em Agos, onde conta alguns socios, e talvez a publicação duma revista em Esperanto. Os cursos de Esperanto continuam funcionando com numerosos inscritos.

## OLYMPIA

Desde as 2 da tarde Matinée e Soirée  
O CONDE DE MONTE CRISTO

6.ª e 7.ª épocas — Rya Vingativa, 4.ª  
Em Strassbourg — Debaixo de Maciel — Jornal n.º 40

Estreia da última época do Conde de Monte Cristo  
O CASTIGO, 3 actos (FIM)

Amanhã  
A seguir — TOSCA — Exitó

## NO MUNDO OFFICIAL

Benefício a favor das escolas  
que mantêm a Construção Civil

A Federação da Construção Civil para domingo, 29, promove, pelas 20 horas, um espectáculo a favor da instalação, na sua sede, duma escola de instrução primária e aulas de desenho e montagem eléctrica. O programa é constituído pela peça em verso, de Bento Faria, *Missa Nova e O escravo branco*, peça em um acto de Manuel José.

Haverá uma parte desportiva desenhada por excelentes amadores e canções sociais, por amadores, sendo o espectáculo abrihantado por uma banda de música.

Os poucos bilhetes que restam estão à venda na sede da Federação e na redacção de *A Batalha* ao preço de: camarotes grandes, 5 entradas, 3500; camarotes pequenos, 3 entradas, 2500; fauteuils, 500; cadeiras, 400; geral, 200, ficando o selo fica a cargo do publico.

## ERVA

Vende-se toda a existente na Quinta de Marrocos, Bemfica. Recebem-se propostas em carta fechada, das 10 às 15 horas, até 22 do corrente mês, na Secretaria da Escola Normal Primária de Lisboa (Bemfica) onde se dão informações.

## COOPERATIVISMO E MUTUALISMO

**Cooperativa Operária a Comuna**—Passou terça-feira, 18, o 48.º aniversário da Comuna de Paris, data celebre nos annos das lutas operárias, um núcleo de operários da construção civil resolveu inaugurar a Cooperativa Operária de Produção e Consumo a Comuna, onde todos os trabalhadores deverão ingressar.

Para tal fim, coincidindo com data tam memorável, a direcção resolveu convidar o povo do Alto do Pinha a assistir hoje, pelas 21 horas, na sede do grêmio do Alto do Pinha, na Rua de Sabrosa, 87, a uma conferência sobre a Comuna de Paris e o Cooperativismo, sendo conferente o dr. sr. Carneiro de Moura.

## A Batalha em Faro

Vende-se na Livraria Farsense de Tavares & Brito e na Tabacaria Capela.

## Pelo ministério das colónias

**Um protesto justo**  
Veio à nossa redacção um grande número de companheiros dos operários que estão prestando serviço nas colónias, junto das forças militares, a fim nos contar um facto sobremaneira edificante.

Há tempos que as referidas companhias vem tratando, junto do ministro das colónias, do pagamento da subvenção de carestia de vida, que não lhes foi nunca abonada, ao contrario do que sucedeu com as famílias dos operários que estiveram no C. E. P., que a recebem desde Janeiro, conforme foi já dito na *Batalha*.

Ontem, em reunião efectuada na sede da U. O. N., inteiraram-se aquelas companhias dos trabalhos da sua comissão, tendo usado da palavra algumas delas e vários camaradas nossos, que se inteiraram, com indignação assaz justa, do que se passou com uma pobre viuva, mãe de quatro crianças, que tendo ali ido para inquirir se o espólio de seu infeliz marido lhe poderia ser entregue, visto o respectivo ministro ter afirmado que mandaria desde já restitu-lo, foi-lhe respondido desabridamente que o ministro não havia determinado tal entrega, e que mesmo que lhe viesse a ser dado, teriam que deduzir na importância da sua pensão de sangue a quantia que o operário devia ao Estado quando, no interior de Moçambique, falecera.

Seja-nos licito perguntar: Tendo o ministro das assuas ordens para que fosse entregue o desvalioso espólio, porque seria que a repartição militar das colónias ameaça a pobre senhora com deducções no enorme pensão que recebe: 11500 por mês, quando sem dúvida mais que sufficiente—segundo o critério de certos funcionários—para compensar o sacrificio da vida do seu companheiro e sufficientissima para se alimentar a aos seus quatro filhos?

Se sr. Carlos da Maia pedem-se providências para este estranho caso, que bem revela o conceito em que a burocracia tem o esforço, o sacrificio e os direitos dos operários.

## Teatro Nacional

Hoje — Despedida  
AO DOMINGO

da mais graciosa das comédias  
O ÚLTIMO BRAVO

57 representações, com êxitos sucessivos.

Amanhã: Última representação.

Quarta-feira, recita da moda e 4.ª recita de assinatura, com a peça

Bôdas de prata

No hospital de S. José

Pelo director geral dos hospitais civis, dr. Lobo Alves, foram mandados ouvir os serventes do balneário do hospital de S. José, Ildefonso Dourado e Camelo Fidalgo Ramos, por terem contratado o 1.º a importância de 35500 no fôrro do casaco do doente Joaquim Vieira, e o segundo a quantia de 113500 no fôrro do chapéu do doente António Joaquim que ali deram entrada sem fãla, fazendo immediata entrega dêsse dinheiro ao fiscal geral, José Simões, tendo já por mais vezes estes serventes dado provas da sua honradez que tanto prestigio os hospitais e os seus funcionários.

—Da enfermaria de Santo António do hospital de S. José, saiu com alta Luis Joaquim de 19 anos, vendedor ambulante, residente na Calçada da Bica Grande, 5, 1.º, que no dia 22 de fevereiro, na rua da Madalena foi ferido com um tiro na nádega.

—Da enfermaria 10 (Santo Alberto) do hospital de S. José é hoje transferido para o da Estrela, Manuel Joaquim, 22 anos, solteiro, natural de Catálães, concelho de Macedo de Cavaleiros, soldado 98, 2.ª bateria de artilharia, adido a cavalaria 4, que em 25 de janeiro foi, na Serra de Monsanto, ferido com estilhaço de granada no pescoço e torax.

## PURGAÇÕES

Devolve-se o dinheiro a quem se não curar em 6 dias. R. Praça da Figueira, 39.

## Comício socialista

Realiza-se hoje, em Queluz, um comício de propaganda socialista, pelas 14 horas, no Centro Republicano «A Luta».

Esta sessão publica, que é da iniciativa da comissão paroquial de Belas, é feita sob o patrocínio do Grupo de Propaganda e Estudos Sociais, devendo falar os seguintes oradores: Nunes da Silva, Francisco Duarte Franco, Campos Palermo e Alfredo Salvo.

A comissão dirigiu um convite, também, ao ministro do trabalho, aguardando-se a sua comparencia.

## Hospitais civis

Escrivem-nos protestando contra o facto de só terem pago a gratificação, pelo excesso de trabalho derivado da influencia pneumonica, a secção de acção dos hospitais, deixando-se no maior esquecimento as restantes secções, que da mesma forma trabalharam extenuantemente.

## Orfeon dos Empregados do Comercio de Lisboa

Por iniciativa da Comissão de Instrução e Educação da Associação dos Caixeiros vai-se constituir este grupo de canto coral, que terá a dirigio-lo o sr. Júlio Graça, ex-regente do Orfeão da União dos Empregados no Comércio do Porto.

O novo grupo artistico prestará o seu concurso não só a festas da classe, em Lisboa e fora, como também a festas cívicas e de caridade, e será constituído por executantes de ambos os sexos.

A inscrição, absolutamente grátis para os socios da Associação dos Caixeiros, encontra-se aberta na sede da mesma, rua António Maria Cardoso, 20, das 21,30 às 23,30, nos dias úteis, e das 13 às 16, aos domingos.

Para os não associados, a cota é de 50 mensais e para senhoras, socios ou não, a inscrição é também grátis.

## Queixas à policia

Queixaram-se à policia: João Machado da Conceição, na Brasmamp, J. M. J., com escritório na rua dos Retozinhos, 75, 1.º, de que um carro eléctrico lhe furtaram a corrente, medalla e relógio de ouro, tudo no valor de 200000;

José Augusto de Macieira, rua Gil Vicente, 51, de que um carro eléctrico, no Conde Barco, lhe furtaram o colete, oito medallas de ouro no valor de 70000;

Desidério Carlos, com moreira na rua de S. Francisco de Paula, 88, de que, por arrombamento levado a effeito com pé de cabra, lhe entraram na sua estalagem, furtando-lhe objectos no valor de 50550.

## Auxílio aos párias

A junta da freguezia da Penha de França, distribue hoje a quantia de 150000 pelos pobres da freguezia.

A distribuição realiza-se pelas 17 horas, na Rua Sabino de Souza, 39, 1.º, onde se recebem os requerimentos hoje, das 19 às 23.

## A VISO

**Ministério dos Abastecimentos**

**Direcção Geral das Subsistências**

A arrematação dos géneros avariados que se devia fazer no próximo dia 17 fica transferida para o dia 24 e a das latas vazias servidas a gasolina e petróleo para o dia 22 do corrente.

Secretaria Geral do Ministério dos Abastecimentos, em 15 de Março de 1919.

O Director Geral das Subsistências

(a) António Francisco Pereira Coelho

## Subvenção de guerra

A comissão delegada dos funcionários publicos e assalariados do estado, nomeada para tratar da subvenção de guerra, avistou-se ontem com o presidente do conselho de ministros e ministro das finanças, resolvendo convocar para dia 14, local e hora que se annunciara, uma assembleia magna dos funcionários publicos e assalariados do estado, a fim de comunicar o que há sobre o assunto e tomarem-se deliberações.

## SUICÍDIO

Suicidou-se ontem de manhã a servicial Gutermina da Graça, de 28 anos, natural de Petropolis Grande, e que estava a servir em casa da sr. D. Virginia da Conceição Gomes Coelho.

Comparceceram o sub-delegado de saúde, que verificou o dote e fez remover o cadáver para a Morgue, e o juiz de paz das Morais, que fez depositar na Caixa Geral dos Depósitos o espólio, que constava de uma mala com roupa, um cordão, medallas, três anéis, uma aliança, um relógio, um par de brinco de ouro e a quantia de 39520.

## Federação Académica de Lisboa

E' convocada a reunir, amanhã, a assembleia geral da Federação Académica de Lisboa, com a seguinte ordem de trabalhos: parecer da comissão revisora de contas; eleição do presidente da direcção; regularização dos serviços da A. G.; caminhos de ferro internacionais, questão proposta pela Academia do Instituto Superior de Comércio.

A sessão, que é publica, como sempre que o contrario expressamente se não determine, realiza-se, às 20 horas prefixas, na Faculdade de Medicina.

## CAMBÍOS

Cheque sobre Londres . . . 33 15/16 33 15/16  
90 dias . . . 34 5/16  
Cheque sobre Paris . . . 266  
Suíça . . . 205  
Itália . . . 230  
Hollanda . . . 305  
Madrid . . . 302  
New-York . . . 12480  
Rio sobre Londres . . . 33 1/4  
Lubras ouro . . . 7880  
Agio do ouro . . . 73 0/0

## Deposito geral—Casa do autor

—Farmacia Luso-Brazileira, Praça de S. Paulo, 20, 21 e 22 (esquina da rua Nova do Carvalho)—Lisboa.—Telef. 1067.

## Porto—Farmacia Almeida Cunha

—à rua Formosa, 327.

## OS QUE MORREM

**FALECIMENTOS**

Faleceram ontem e sepultam-se hoje as seguintes pessoas: António Augusto Carneiro, demente, aindoo funeral às 13, do hospital de S. José; D. Lucrecia da Conceição, às 14, do mesmo hospital; menina Ermelinda Rodrigues da Costa, às 14, da Morgue; D. Maria Hermilinda Ferreira Faria, às 17, da avenida 5 de Outubro, 52; Alvaro Mendes, às 12, do hospital de Santa Marta; D. Declinda Garcia dos Santos, às 15, do hospital de Rego; D. Maria do Rosario Pereira da Conceição FONSECA, às 20, da capela do cemitério da Ajuda; dr. Cláudio Pais Rebelo, médico, às 16,30, da rua da Emenda, 68, para o estajo do Rocio, com destino a Estarreja; D. Judith Dias Leal, às 15, da rua Álvaro Coutinho, 14, para o cemitério ocidental; D. Marta Faustino Santos Correia, às 18, do Caminho do Forno do Tijolo, 6, para o cemitério oriental.

## FUNERAIS

Realiza-se hoje, pelas 15 horas, aindoo hospital de Rego para o cemitério oriental, o funeral de Declinda Garcia, operária extraordinária da Companhia dos Tabacos e esposa do nosso camarada José Maria dos Santos, operário da mesma Companhia.

A comissão administrativa da respectiva associação de classe, de que aquele camarada faz parte, convida todo o pessoal a incorporar-se no funeral.

## Dentes artificiais

Extração sem dor, corôas de ouro, dentes sem placa.

Rua Eugénio dos Santos, 37, 1.º

## BOLETIM DO TEMPO

Sábado, 15 de Março

Temperatura às 9 horas—Céimbra, 11,0; Lisboa, 13,6; Évora, 10,0; Beja, 10,2; S. Fernando, 12,0; Tarifa, 11,0.

Temperatura extrema no dia 14.—Máxima, 15,6; mínima, 11,1.

Vento—Céimbra, N; Lisboa, WNW; Évora, N; Beja, WNW; S. Fernando, NW; Tarifa, NW.

Estado do mar—Lisboa, pequena vaga; S. Fernando, chio; Tarifa, plano.

Estado geral do tempo—Nos pontos do continente subiu o barómetro entre 0,6 e 0,9 milímetros com pequenas alterações de temperatura e vento geralmente moderado do quadrante NW. As altas pressões estão indicadas a W da nossa costa e as relativamente mais baixas a E da península.

Tempo provável em Lisboa no dia 16—Vento moderado ou fresco do quadrante NW. Céu limpo ou de algumas nuvens.

## FESTAS ARTÍSTICAS

Reveste-se hoje de galas o teatro da Trindade, para festa da estimada e distinta actriz Amélia Barros, requeira daquela casa de representações. Representa-se a opereta em 1 acto «Manobras do regimento» e 2 actos da «Susi». Nenhum dos amigos da festividade—tantos fillos, tantas gerações a virmos—deixará de ir prestar-lhe a sua homenagem.

## NOTÍCIAS

Na semana próxima, e em recita de assinatura, deve ter, no Nacional, a sua «première» a peça «Bôdas de pratas» (Noes d'argent). O autor da peça é Paulo Geraldy, e o tradutor Melo Barreto.

—Deve effectuar-se na próxima semana, no teatro Avenida, a 1.ª representação da peça «Sua Magestade», que vai a scena em 4 actos de assinatura. Trata-se duma comédia em 3 actos, de Alberto Vilenet, inspirada na peça inglesa «Quineys», de M. A. Wachtell, sendo a tradução do nosso colega da imprensa Melo Barreto. A protagonista da peça é Palmira Bastos.

—Na festa do actor Jorge Grave, que se realiza no dia 31 de Março, no Ginásio, estreia-se o novo actor José da Câmara. No dia 2 de Abril é a festa do camareiro Botelho.

—Estão quasi-concluídos, no Eden, os ensaios da nova peça de Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa, «O acie estrêlo», devendo, em breve ser fixada a data da 1.ª representação. A opereta, que vai a scena em 4.ª recita de assinatura, tem núcleo do maestro Manuel de Figueiredo. Nos «Sete Estrelas» os principaes papéis estão a cargo de Alice Pancada, Maria Abranhes, José Ricardo e Fernando Pereira.

## RECLAMOS

Vai ficar assinalada como uma das mais alegres a noite do 26, no Eden, onde se effectua a festa da «M-Carreira». As novidades e surpresas apresentadas não são poucas.

—Hoje, no teatro Nacional, vai a scena, em penúltima representação «O último bravo», que é a mais graciosa das comédias, recomendando-se pela vivacidade das suas scenas em que não há o menor valiumbre de esnobismo.

—No Avenida, estão effectuando-se as derradeiras despedidas de A. idade de amar, a encantadora peça que ninguém de bom gosto deve deixar de ir ver.

A desopilante comédia «Anselmo Carneiro & Mania» será festejada amanhã, no teatro do Ginásio, em recita de homenagem a Henrique Galvão, Jorge Grave e Flávio dos Santos, os autores da graciosa peça que hoje se repete.

## CARTAZ DO DIA

NACIONAL—A's 21.—Penúltima d'«O último bravo», comédia.

S. LUIS—A's 21.—A emboscada.

TRINDADE—A's 20,30.—Festa de Amélia Barros—«Manobras do regimento», opereta.—2 actos da «Susi», opereta.

GINÁSIO—A's 21,15.—«Anselmo Carneiro & Mania», comédia.

AVENIDA—A's 20,45.—Idade de amar.

EDEN—A's 20,45.—«A Bonança», opereta e a revista «Traillitania».



## A Justiça

Em Dorcitat pôde convencer-se bem o pequeno Leão de que o seu amigo não tinha exagerado quando lhe falava da república. Bastou para ele assistir uma só vez à audiência do tribunal, aonde o condão Estanislau, porque essas audiências eram públicas, e muitos desempregados, que não podiam pagar um lugar no teatro, assistiam ali e faziam de conta que vendo julgar tinham comédia em forma.

Era a primeira vez que o pequeno entrava numa sala de audiências, e depois de ter franqueado a porta, guardada por assassínios de profissão, porque desgraçadamente ainda se encontram por toda a parte, viu-se numa sala bastante espaçosa, cheia de curiosos. A um lado, sentado num banco, dois guardas armados, estava um operário de miserável aspecto. Ao fundo, detrás duma espécie de mostrador, estavam três homens sentados, vestidos com negras togas; o do centro tinha a barba branca e no peito ostentava uma faixa roxa; os outros tinham patilhas negras.

— Quem são aqueles? — São padres, ou mulheres barbudas? — perguntou Leão.

— Não, respondem Estanislau. São juizes; homens como os assassínios profissionais, os verdugos,

que o sexo masculino tem o honroso privilégio de mandar. Vestem quasi como os padres, com os quais se parecem pelos seus trajes e suas funções, com a diferença de que os padres condenam ou absolvem para uma vida futura, em nome de um deus imaginário; porém, os juizes condenam na vida presente, em nome de um livro estúpido e bárbaro chamado Código.

— Quem escreveu esse livro? — Quem? Conquistadores, imperadores, reis, amos, governando pelo direito do mais forte ou pela astúcia. Direis, malfetores públicos. Éles é que o escreveram ou fizeram escrever pelos seus servidors. Mas escuta.

O presidente, direis, o homem sentado ao centro, mandou, com uma voz grave, o operário que estava sentado entre os guardas, que se levantasse, perguntando-lhe o seu nome, idade, estado, profissão e morada. Quando o interrogado tinha respondido com voz abafada, o juiz acrescentou:

— Você é acusado de estar a dormir sobre um banco na rua do Povo Soberano, devendo saber que a vadiagem está proibida. — Que tem a alegar em sua defesa?

— Sinceramente que não tenho casa. O meu senhorio despediu-me, e vi-me obrigado a dormir na rua.

— E porque é que o senhorio despediu e o pôs na rua?

— Porque não podia pagar-lhe.

— Porque é que não podia pagar-lhe?

— Porque não tinha trabalho.

— Demais, acuso-o de ter injuriado o agente que o prendeu.

— Dirá antes se eu podia ficar contente de me arrancarem ao sono, minha única consolação, e levado para a prisão como um malfetor, depois de ter trabalhado honradamente toda a minha vida.

— O tribunal apreciará.

O presidente inclina-se para os outros juizes seus acessórios; consulta com eles um instante, e diz:

— Seis dias de prisão... ! Outro!

— Ai está, murmurou Estanislau, ao ouvido de Leão, uma coisa que fará germinar no coração desse pobre operário um pouco de ódio contra este regime social.

Ao segundo processado, que entrou por uma porta lateral para sentar-se também entre os guardas, e era acusado de fazer-se servir uma comida num restaurant e de ter dito em seguida ao dono: «Agora mande-me você prender, se quizer, porque não tenho um centavo para pagar».

— Porque fez você isso? — perguntou o juiz.

— Porque tinha necessidade de comer, como a tem todo o homem e considere que era preferível isto a atacar o primeiro que me apparecesse ao voltar uma esquina pedindo-lhe a bolsa ou a vida.

— Quatro dias de prisão e seis escudos de multa, sentenciou o presidente.

Tocou em seguida o turno a outro processado de género diferente; era um homem bem vestido, sentado, não entre os guardas, mas sim nas primeiras filas dos assistentes quem declarou o seu

nome, Victor Mast, e a sua qualificação, mestre de obras.

— Senhor, disse-lhe o juiz, empregando pela primeira vez este qualificativo; acuso-o de ter partido uma bengala nas costelas de um operário que reclamava a sua fêria. Cite-se-lhe a sua petição.

— Senhor juiz, respondeu o acusado; esse operário é um malandro que queria roubar-me e ameaçou-me com a justiça.

«Para mais o meu advogado explicará o assunto melhor do que eu posso fazê-lo».

E aquelle patrão, que se não era muito eloquente era astuto e tinha dinheiro de sobra para poder pagar a um advogado hábil, sentou-se, deixando ao seu defensor explicar o assunto à sua maneira, que declarou que Victor Mast, vendo o seu operário fazer ameaças de bater-lhe, se considerou no caso de legítima defesa. O tribunal, na sua alta sabedoria apreciará os factos e não excitará decerto a rebeldia dos operários contra os patrões.

Os juizes acolheram aquelle discurso por sinais apenas perceptíveis de aprovação. O público mostrou-se também satisfeito, pelo que o réu foi absolvido e o operário condemnado nas custas do processo.

— Isto, disse Estanislau ao seu amigo, de modo que o pudessem ouvir os que estavam próximos, é um ensino para esse operário para fazer justiça por si mesmo, em vez de implorá-la aos magistrados.

— Não tens visto e ouvido bastante?

— Oh, sim; vamo-nos! Creio

que me punha mal se permanecêssemos mais tempo nesta casa abominável. Este é o Palácio da Injustiça e não da Justiça.

Sairam daquela casa do crime, onde uns homens, vestidos duma maneira particular para impor respeito, condenam com imponente solenidade os desgraçados vítimas da sociedade, e absolvem os exploradores.

Uma vez cá fora respiraram com satisfação o ar livre.

Leão, profundamente impressionado pelo que tinha visto e ouvido, permanecia silencioso; a tristeza reflectia-se em seu rosto.

— Em que pensas? — perguntou-lhe o companheiro.

— No que chamam justiça, respondem o pequeno. — O que é a justiça? — Existe?

Estanislau permaneceu um instante silencioso, procurava as palavras mais apropriadas para fazer compreender o seu pensamento a aquelle pequeno de nove anos.

A justiça não é uma espécie de divindade reparadora ou vingadora do mal, como a imaginam todavia muitos indivíduos influenciados pelo ensino religioso; é sinceramente o equilíbrio, a harmonia ou a concordância dos interesses.

Na sociedade actual todos os interesses, o do patrão e o do operário, o de vendedor e o do comprador, o do governante e o do governado; estão em contradição e em lutas perpétuas; em tais condições a justiça não pode existir e não pode pedir-se certamente aos juizes, defensores da actual ordem de coisas.

Pelo contrário, numa sociedade em que tudo seja de todos, o indivíduo tenha o mesmo interesse em produzir é que não poderá haver conflitos entre gente que trabalha e gente que faça trabalhar em seu benefício exclusivamente individual. Quando a propriedade individual desapareça, desaparecerá com ela uma multidão de males e de crimes. Não será melhor impedi-los que castigá-los?

Do mesmo modo, a eliminação da autoridade fará também desaparecer a opressão de uns, e o covarde servilismo de outros, os odios, as rebeldias sangrentas, as guerras. Não haverá infalivelmente a perfeição absoluta, porque entre os seres humanos há diferenças de temperamento e de gostos, como há enfermidades que produzem desarranjos mentais e da vontade que causam actos prejudiciais, mas os que as padecerem serão uma infima excepção, e como não terão força para impôr-se a toda a sociedade, como o fazem actualmente os governantes e os capitalistas, tudo ficará reduzido a pô-los fora do estado de não causar dano. E em lugar de matá-los ou de os martirizar, cuidar-se há deles como inválidos ou como enfermos, procurando-se a sua cura.

E aqui está o conceito que nós temos da justiça. Já vez que não tem nada de comum com a dos magistrados.

— Efectivamente, respondeu Leão.

Carlos Malato

Trad. M. de A.

## A BATALHA

deve ser reclamada aos vendedores, nas tabacarias e quiosques.

**MARTE** COMPANHIA DE RESSURGIDOS  
Sede - Rua Ivens, 56  
LISBOA  
Telefone 910 C.

**Serralharia Artística**  
DE  
Vicente Joaquim Esteves  
TRABALHOS ARTÍSTICOS EM FERRO FORJADO  
Construção e montagem  
de vigamentos e coberturas metálicas  
Fabricante de cofres e portas fortes à prova de fogo  
RUA DAS AMOREIRAS, 92 — LISBOA  
Telefone 1412 (Norte)

**GRANDE LIQUIDAÇÃO**  
Por motivo de obras. Liquidação de todos os artigos existentes nos estabelecimentos do L. do Calvário, 16, 17, 18, 19, 20, 20-A e 20-B  
Fazendas de lã para homem e senhora, sobretudo, casacos de senhora, fatiños de criança, camisas para homem e senhora, meias, peúgas, lenços, gravatas, colarinhos, suspensórios, panos brancos patentes de todas as qualidades, panos para lenços de todas as larguras.  
Toalhas de rosto e mesa, colchas, cobertores, riscados, fanelas, chitas, cotins, oxford, zefres, cassas, camisolas de lã e algodão, para senhora e homem.  
**Descontos aos revendedores**  
**TUDO MAIS BARATO**  
16, 17 e 18, Largo do Calvário, 20, 20-A e 20-B

**A SIFILIS**  
ERVANÁRIO da provincia cura radicalmente a sífilis e todas as doenças que derivam da impureza do sangue. Centenas de pessoas se têm curado com as ervas que recolho. Pacote, 600 réis. Provincia, 650 réis. Travessa da Oliveira, 21, r. D., à Estrela. Curam-se todas as doenças.

**GRANDE NOVIDADE**  
Quereis comprar drogas, tintas e produtos químicos mais baratos?  
Ide á Drogaria Triunfo de Acacio  
F. Jorge, L. da, na  
Rua de S. João da Praça, 47 e 49

**AOS AGRICULTORES**  
Fertilizador Radioactivo H. B. C.  
PRODUTO radioactivo empregado com grande successo nas culturas do TRIGO — CEVADA — FAVA — CENTEIO — AVEIA — MILHO — VINHAS, etc., em todas as outras culturas onde produz um aumento de produção, que vai de 30 0/0 a 60 0/0.  
De incontestável acção insecticida, combatendo a ferrugem dos trigos, a podridão das batatas e inúmeras moléstias que atacam as várias culturas.  
**VINHA**  
Com o emprego de 60 grammas de Fertilizador Radioactivo H. B. C. por cêpa adulta de forma a ficar em contacto com as raízes não só se obtém uma maior produção como melhoria da qualidade do fruto.  
Além disto, o Fertilizador Radioactivo H. B. C., pela sua acção insecticida, defende a vinha dos fortes ataques de «mildium», «black rot», etc.  
Milhares de certificados de vários vinhateiros de Portugal e Espanha atestam o grande aumento de produção de vinho e melhoria de qualidade que obtiveram das vinhas onde empregaram o FERTILIZADOR RADIOACTIVO. Mandamos desca certificados a quem os pedir.  
Preço do Fertilizador posto em qualquer estação do caminho de ferro do país incluindo os sacos:  
1000 quilogramas (Em sacos de aproximadamente 50 quilogramas) ..... 60.000  
500 quilogramas (Em sacos de aproximadamente 25 quilogramas) ..... 30.000  
40 quilogramas (1 sacco — dose para um hectare de terreno) ..... 2.400  
80 quilogramas (1 sacco — dose para meio hectare de terreno) ..... 2.400  
10 quilogramas (1 sacco — dose para um quarto de hectare) ou seja 2500 metros quadrados ..... 1.538  
Remetem-se folhetos descrevendo o FERTILIZADOR RADIOACTIVO H. B. C. a quem os pedir.  
Para tratar e mais informações dirigir-se a  
**Henry Burnay & C.ª**  
RUA DOS FANQUEIROS — LISBOA  
OLÍPIO MONTINHO, Rua Elias Garcia, 166-168, Pórtio

**CHARRUAS as mais perfeitas**  
FABRICAÇÃO DE  
E. DUARTE FERREIRA & FILHOS (Engenheiros)  
**TRAMAGAL**  
Modelos próprios e todos os pertencentes das marcas do mercado, mais gastáveis no país.  
Reilhas vulgares de grande resistência.  
Ditas de bicos substituíveis, privilegiadas, de cuja aplicação resulta uma considerável economia, pois cada reilha utiliza muitos bicos de muito menor custo.  
NORAS para tirar água. — PRENSAS para vinho. — Instalações completas de LAGARES DE AZEITE  
GRANDES OFICINAS E ESCRITÓRIO junto à estação do Caminho de Ferro do Tramagal

**OFICINA PARA CONCERTOS**  
**BICICLETES E GRAMOFONES**  
Maquinismos completos, cordas, tambores, ventoinhas, rodas de engrenagem, agulhas, etc., etc.  
Protectores e câmaras de ar de diversas marcas e medidas. Esmaltagem a fogo de Bicycles e com frizos. Bicycles novas e usadas, e todos os acessórios para bicycletas e gramofones.  
**5, AVENIDA DAS CORTES, 7**

**OLEOS**  
mineraes e massas consistentes para lubrificação de maquinas  
CORREIAS de couro, balata e pêlo de camelo importadas das melhores fabricas INGLEZAS, amiantos, empanques, borracha, desincrustante para caldeiras, desperdícios de algodão, etc.  
AOS MELHORES PREÇOS DO MERCADO  
Representantes da **AMERICAN OIL CORPORATION**  
**COSTA & RIBEIRO, Limitada**  
Rua Vasco da Gama, 54-58 — LISBOA  
Telefone C. 2:654 — End. teleg. FELARI

**DERNIER DE LA MODE**  
SORTIDO COLOSSAL DE CHAPELARIA  
Os modelos mais elegantes  
Os preços mais economicos  
**ALVARO ALMEIDA GARCIA**  
RUA DA PALMA, 50 e 52

**Máquinas para entrega imediata**  
Motores a gás pobre e gasolina  
Locomóveis e debulhadoras  
Máquinas e caldeiras de vapor  
Serras sem-fim e circulares  
Máquinas para carpintaria  
Móveis e aparelhos para fabricas de moagem  
Crivos Marot e tararas  
Mós francesas de todas as dimensões  
Cultivadores e semeadores  
Tornos mecânicos, limadores e máquinas de furar  
Acessórios para máquinas, óleos, correias e empanques.  
Eduardo Pinto de Sousa & C., L.  
74, Rua 24 de Julho, 74-E  
LISBOA

**Grande ocasião para os marceneiros**  
Por falecimento do seu dono, vende-se muito em conta uma  
**Máquina Universal**  
cujo modelo é o mais perfeito e completo. Serra de fita, dita circular e dita de recortes. Máquina de furar, espigar, rebaiar e fazer malhetes e molduras direitas ou curvas, com toda a perfeição.  
Magnífico motor eléctrico com toda a instalação, e um torno mecânico todo em ferro e aço. Máquina automática de travar serra. Transmissões, corraime e todos os pertencentes em perfeito estado, pronto para trabalhar desde já sem outra qualquer despesa.  
Para tratar e mais informações com  
**J. VARELA**  
Rua de S. Sebastião, 82  
**VIANA DO CASTELO**

**Trabalhos DE Serralheria**  
**ANTONIO A. OLIVEIRA**  
Toma conta de todos os trabalhos da sua especialidade, garantindo perfeita execução e solidez.  
**Preços sem competencia**  
**ATENÇÃO:** Da importância de todos os artefactos executados à sua responsabilidade, oferece, a percentagem de 10 %, que será dividida em partes iguais pelo jornal A Batalha e pelo cliente ou informador.  
**Procurai e recomendei esta officina**  
**Rua Ferreira Chaves, G. M. S.**  
**CAMPOLIDE**  
**Pedras para isqueiro**  
A verdadeira pedra metal AUER encontra-se à venda na Havanza do Conde Barão, Largo do Conde Barão, 55. (Defronte do Kiosque). Todos os operarios se devem habilitar nesta feliz casa para a proxima loteria. Também ha numeros certos.  
**Casa do Isqueiro á porta**